

## ENTRE O CORAÇÃO E O CÉREBRO: REVISITANDO ARISTÓTELES, HIPÓCRATES E A NEUROCIÊNCIA MODERNA

BETWEEN THE HEART AND THE BRAIN: REVISITING ARISTOTLE, HIPPOCRATES,  
AND MODERN NEUROSCIENCE

ENTRE EL CORAZÓN Y EL CEREBRO: REVISITANDO A ARISTÓTELES, HIPÓCRATES Y  
LA NEUROCIENCIA MODERNA

Milton de Paula Junior<sup>1</sup>  
Giovanni Augusto Kalempa Panzzolo<sup>2</sup>  
Renato Van Wilpe Bach<sup>3</sup>  
Paulo Roberto Costa de Almeida<sup>4</sup>  
Giovani Marino Favero<sup>5</sup>

**RESUMO:** Esse artigo buscou estudar o pensamento aristotélico influenciou a ciência e a filosofia por mais de dois milênios. Entre suas ideias, destaca-se a concepção de que o coração, e não o cérebro, seria o centro das emoções humanas. Este artigo revisita tal concepção, contrastando-a com os achados contemporâneos da neurociência e com discussões modernas da filosofia da mente, como o problema corpo-mente e a crítica ao dualismo cartesiano. Argumenta-se que, embora equivocada sob a ótica anatômica e fisiológica, a visão aristotélica sobre o coração reflete um esforço precoce de integrar experiência corporal e afetiva ao conhecimento racional. Com isso, propõe-se uma leitura crítica e contextualizada da teoria cardiocêntrica, explorando também o imaginário simbólico que ainda persiste na linguagem cotidiana.

1

**Palavras-chave:** Aristóteles. Filosofia da mente. Coração.

**ABSTRACT:** This article sought to examine how Aristotelian thought influenced science and philosophy for more than two millennia. Among his ideas, the conception that the heart, rather than the brain, was the center of human emotions stands out. This article revisits that conception, contrasting it with contemporary findings in neuroscience and with modern discussions in the philosophy of mind, such as the mind-body problem and critiques of Cartesian dualism. It is argued that, although incorrect from an anatomical and physiological perspective, Aristotle's cardiocentric view reflects an early effort to integrate bodily and affective experience with rational knowledge. Accordingly, a critical and contextualized reading of cardiocentric theory is proposed, also exploring the symbolic imagery that still persists in everyday language.

**Keywords:** Aristotle. Philosophy of mind. Heart.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Farmacêuticas – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Farmacêuticas – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>3</sup> Doutor em Ciências Farmacêuticas – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

<sup>4</sup> Mestre em Ciências Farmacêuticas – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>5</sup> Orientador. Doutor em Alergia e Imunopatologia – Universidade de São Paulo (USP).

**RESUMEN:** Este artículo buscó examinar cómo el pensamiento aristotélico influyó en la ciencia y la filosofía durante más de dos milenios. Entre sus ideas, se destaca la concepción de que el corazón, y no el cerebro, sería el centro de las emociones humanas. Este artículo revisa dicha concepción, contrastándola con los hallazgos contemporáneos de la neurociencia y con discusiones modernas de la filosofía de la mente, como el problema cuerpo-mente y la crítica al dualismo cartesiano. Se argumenta que, aunque errónea desde la perspectiva anatómica y fisiológica, la visión aristotélica sobre el corazón refleja un esfuerzo temprano por integrar la experiencia corporal y afectiva al conocimiento racional. De este modo, se propone una lectura crítica y contextualizada de la teoría cardiocéntrica, explorando también el imaginario simbólico que aún persiste en el lenguaje cotidiano.

**Palabras clave:** Aristóteles. Filosofía de la mente. Corazón.

## INTRODUÇÃO

A relação entre razão e emoção sempre fascinou a humanidade, atravessando fronteiras entre filosofia, arte, ciência e religião. Desde a Grécia Antiga, pensadores buscam compreender qual seria a sede dos afetos, das paixões e daquilo que hoje chamamos estados emocionais. Aristóteles, em sua obra *De Anima*, atribuía ao coração um papel central na vida afetiva, considerando-o não apenas como um órgão fisiológico de circulação sanguínea, mas como o núcleo vital da sensibilidade e da paixão. A tradição aristotélica permaneceu influente por séculos, repercutindo tanto na medicina quanto na cultura popular, consolidando a ideia de que o coração, mais do que o cérebro, seria o verdadeiro depositário da vida emocional.

Na Idade Média, essa concepção foi fortemente reforçada pela simbologia cristã, que associava o coração à espiritualidade, à compaixão e ao amor divino. O coração aparecia como metáfora daquilo que é mais íntimo e essencial no ser humano. Até hoje, expressões como “seguir o coração” ou “coração partido” revelam como esse órgão transcendeu o campo estritamente biológico para se tornar signo universal dos sentimentos humanos. Mesmo diante dos avanços científicos, a potência simbólica do coração continua viva, inserida em linguagens artísticas, literárias e cotidianas.

No entanto, a partir do Renascimento e, sobretudo, da modernidade científica, o foco se deslocou progressivamente para o cérebro. Com as contribuições de estudiosos como Descartes, que via na glândula pineal o ponto de interação entre corpo e alma, iniciou-se uma nova etapa na busca pela sede da emoção. A neurociência contemporânea aprofunda esse caminho ao identificar circuitos neurais e mensageiros químicos que regulam o humor, a motivação e a capacidade de estabelecer vínculos afetivos. O desenvolvimento de técnicas como a ressonância magnética funcional e a neuroimagem molecular revelou como regiões específicas, como a

amígdala, o hipocampo e o córtex pré-frontal, participam ativamente na construção das respostas emocionais.

Apesar disso, a ciência não anulou o simbolismo cultural do coração. Pelo contrário, estabeleceu-se uma dialética interessante: se, de um lado, os dados empíricos apontam para o cérebro como regulador das emoções, de outro, a linguagem simbólica e filosófica insiste em preservar o coração como ícone de afeto. Essa dualidade nos obriga a refletir não apenas sobre o substrato biológico da emoção, mas também sobre as formas pelas quais culturas diferentes atribuem sentido à experiência humana. A emoção, nesse contexto, surge como fenômeno que não se reduz à bioquímica cerebral nem à pura metáfora literária, mas que se enraíza simultaneamente na fisiologia e na linguagem.

O objetivo deste estudo é explorar essa fronteira entre ciência e filosofia, resgatando a tradição aristotélica que situa o coração como sede da vida afetiva e confrontando-a com os achados da neurociência moderna, que evidenciam o papel central dos neurotransmissores no cérebro. Buscamos demonstrar como ambos os campos podem dialogar, iluminando de maneiras distintas, mas complementares, o enigma da condição humana. Afinal, compreender emoções não é apenas um exercício técnico de neuroimagem ou farmacologia, mas também uma reflexão profunda sobre o que significa ser humano, sentir e dar sentido ao mundo.

3

## MÉTODOS

Este estudo constitui-se como uma revisão narrativa e interdisciplinar. Foram analisados textos originais de Aristóteles, bem como comentadores modernos de sua obra. Paralelamente, realizou-se um levantamento bibliográfico em bases acadêmicas (PubMed, Scielo e Google Scholar), utilizando termos como *emotions*, *Aristotle*, *neuroscience* e *philosophy of mind*. A análise foi estruturada em três eixos: (1) concepção cardiocêntrica de Aristóteles; (2) evidências neurocientíficas contemporâneas sobre a regulação emocional; (3) diálogos com a filosofia da mente e o simbolismo cultural.

## RESULTADOS

### ***O coração como centro vital para Aristóteles***

Para Aristóteles, o coração era o primeiro órgão a se formar no embrião e o núcleo vital de onde emanavam todas as funções fisiológicas e emocionais. A base empírica de sua teoria residia em observações simples: ao experienciar medo, paixão ou raiva, percebe-se uma

aceleração dos batimentos cardíacos, sudorese, tremores e outras respostas corporais evidentes. Essas reações levaram-no a concluir que o coração governava as emoções, enquanto o cérebro, frio e aparentemente passivo, servia apenas como regulador térmico do sangue. Essa concepção foi reforçada por sua visão teleológica da natureza, em que cada órgão possuía um fim (*telos*) e uma causa final. O coração, por estar no centro do corpo e reagir intensamente a estímulos afetivos, parecia o mais adequado para ocupar esse papel nobre.

### ***A visão encefalocêntrica de Hipócrates***

Entretanto, antes mesmo de Aristóteles, Hipócrates (460–370 a.C.) já havia proposto uma visão contrária. No tratado *Sobre a Doença Sagrada*, o médico grego argumentava que o cérebro era o órgão responsável não apenas pelos sentidos e pela inteligência, mas também pelas emoções e pelas perturbações psíquicas. Sua postura representava uma ruptura com o cardiocentrismo, inaugurando uma tradição encefalocêntrica que seria retomada mais tarde por Galeno. O paradoxo histórico é evidente: embora Aristóteles tenha consolidado sua teoria e exercido maior influência ao longo da história, foi Hipócrates, mais antigo, quem apresentou uma concepção mais próxima daquilo que a neurociência contemporânea comprovaria. Esse contraste revela que o progresso do conhecimento não obedece a uma linearidade simples: ideias corretas podem surgir cedo e ser obscurecidas por séculos, até reencontrarem terreno fértil no desenvolvimento científico 3.

---

4

### ***A virada moderna: do mecanicismo à neurociência***

A partir da modernidade, sobretudo no século XVII, as investigações sistemáticas sobre o sistema nervoso transformaram radicalmente a compreensão das emoções. René Descartes introduziu uma concepção mecanicista das paixões, enquanto Luigi Galvani, com seus experimentos sobre eletricidade animal, abriu caminho para a neurofisiologia. No século XIX, Santiago Ramón y Cajal, com a teoria do neurônio, estabeleceu as bases da neurociência moderna, demonstrando a organização celular do sistema nervoso.

### ***O cérebro como sede das emoções***

A amígdala cerebral, o córtex pré-frontal, o hipotálamo e o sistema límbico são partes fundamentais dessa regulação. Emoções como medo, prazer, raiva e empatia são correlacionadas à ativação específica de determinadas regiões do encéfalo. Ao sentir medo, por exemplo, a amígdala ativa o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, que libera adrenalina e cortisol —

substâncias que, entre outras coisas, aceleram os batimentos cardíacos. O coração, portanto, não sente: ele responde a comandos neurais.

### ***Filosofia da mente e o corpo em ação***

A crítica à concepção cardiocêntrica não se resume a um erro biológico. Ela também instiga questões filosóficas profundas: onde reside a consciência? Como o corpo e a mente interagem? Questões como essas atravessam o campo da filosofia da mente e remontam ao problema corpo-mente.

A proposta dualista de Descartes, que separava res cogitans (mente) de res extensa (corpo), domina por séculos a discussão, mas atualmente é duramente criticada. As abordagens contemporâneas, como o funcionalismo, a teoria da identidade mente-cérebro e o materialismo eliminativo, tentam resolver essa tensão assumindo que estados mentais são, em última instância, estados cerebrais ou funcionais. Nesse cenário, a emoção é compreendida como um processo neurobiológico com manifestação corporal.

### ***Entre Aristóteles e a cognição encarnada***

Aristóteles, curiosamente, não era um dualista no sentido cartesiano. Sua concepção hilemórfica via a alma (*psyche*) como forma do corpo. Isso aproxima, de certo modo, sua filosofia de abordagens encarnadas da mente, que defendem que a cognição e as emoções não são exclusivamente cerebrais, mas resultam da interação entre corpo, cérebro e ambiente.

### **O coração como símbolo cultural**

Mesmo com o avanço da ciência, o coração mantém seu lugar de destaque na linguagem e na simbologia popular. Ele é representado como o centro do amor, da dor, da coragem, da vontade. Tal persistência revela que a dimensão simbólica e cultural do corpo não desaparece com a correção científica.

A filosofia da linguagem, especialmente com autores como Wittgenstein e Lakoff, mostrou que as metáforas estruturam nosso modo de pensar. Assim, dizer 'coração partido' ou 'de todo coração' não é apenas poético, mas parte de um sistema conceitual que associa o corpo às emoções. A ciência pode corrigir explicações causais, mas não elimina o valor simbólico das palavras e imagens que moldam nossas experiências afetivas.

## CONCLUSÃO

O equívoco aristotélico em atribuir ao coração o controle das emoções não deve ser lido como um fracasso epistemológico absoluto, mas como uma etapa na construção do conhecimento humano. Seu pensamento integrador, que buscava unir razão, observação e finalidade, continua relevante para o diálogo entre ciência e filosofia.

A neurociência contemporânea corrige sua fisiologia, mas a filosofia ainda dialoga com seus pressupostos sobre corpo, alma e emoções. Entre o cérebro que comanda e o coração que simboliza, seguimos buscando sentido para aquilo que sentimos e talvez seja essa busca que nos torna verdadeiramente humanos.

## REFERÊNCIAS

1. Aristóteles. *De Anima*. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM; 2011.
2. Damásio AR. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras; 1996.
3. Descartes R. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Trad. João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural; 1973.
4. Finger S. *Origins of Neuroscience: A History of Explorations into Brain Function*. New York: Oxford University Press; 2000. 6
5. Gross CG. Aristotle on the Brain. *The Neuroscientist*. 1995;1(4):245-50.
6. Lakoff G, Johnson M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press; 1980.
7. Purves D, Augustine GJ, Fitzpatrick D, et al. *Neuroscience*. 6th ed. New York: Oxford University Press; 2018.
8. Ricoeur P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola; 2005.